

REVISTA MENSAL

DA

SOCIEDADE

PARTHENON LITTERARIO

2ª SÉRIE

2º ANNO — JUNHO DE 1873 — N.º 6

PORTO ALEGRE

TYPOGRAPHIA DO — CONSTITUCIONAL —

1873

REVISTA MENSAL

DEPARTAMENTO DE ECONOMIA

ESTADOS UNIDOS

ESTADOS UNIDOS

ESTADOS UNIDOS

ESTADOS UNIDOS

J. J. ANDRADE NEVES

(BARÃO DO TRIUMPHO)

Na villa, hoje cidade do Rio Pardo, provincia de S. Pedro do Rio Grande do Sul, nasceu José Joaquim de Andrade Neves a 22 de Janeiro de 1807.

Seu pai o major José Joaquim de Figueiredo Neves, destinando-o ao serviço das armas, apresentou-o como voluntario para servir no exercito; e n'esse caracter o joven rio-grandense assentou praça em 1º cadete no 5º regimento de cavallaria de linha, em 22 de Novembro de 1826.

Erão seus pais de condição modesta, vivendo, segundo a pratica austera d'esses tempos, de alguns poucos bens que possuíão.

Em 10 de Dezembro de 1827, o major Neves deu um substituto por seu filho, desligando-o do serviço militar, para ajudarnos encargos da subsistencia de sua familia.

Em 1835, apparecendo em sua provincia a revolução de 20 de Setembro, dirigida pelo coronel Bento Gonçalves da Silva, Andrade Neves apresentou-se immediatamente e tomou armas ao serviço da causa legal.

1 Extractos da biographia pelo Sr. F. I. M. Homem de Mello.

Em o anno immediato, de 1836, romperão as hostilidades entre dissidentes e legalistas.

Nas differentes pelepas, que se ferirão n'essa luta de irmãos, Andrade Neves, em menos de um anno, deixou firmada a sua reputação militar, demonstrando sua indole guerreira e indomita bravura nos combates.

N'esse anno tomou elle parte nos seguintes ataques contra os dissidentes :

Combate de 12 de Fevereiro em *Capané* ;

Combate do *Passo do Rosario*, á 17 de Março, em o qual o coronel Bento Manoel Ribeiro desbaratou a força rebelde ao mando do coronel Affonso José de Almeida Côte Real, cahindo este prisioneiro ;

Combate de 30 de Março no *Arroio dos Cachorros* ;

Combate de 9 de Setembro na *Capella Grande*, sendo em 20 do mesmo mez nomeado alferes da G. N. , a que pertencia :

E finalmente, no sanguinolento combate de 4 de Outubro na ilha do *Panfa*, em que o coronel Bento Manoel Ribeiro derrotou completamente as forças dissidentes ao mando do general Bento Gonçalves da Silva, cahindo este prisioneiro.

N'essa mesma data foi Andrade Neves promovido ao posto superior de major da guarda nacional, recebendo no campo de batalha a recompensa devida a seu valor militar.

Na villa, hoje cidade do Rio Grande, provincia de S. Paulo do Rio Grande do Sul.

Largo tempo tinha ainda de durar essa luta, a revolução do Rio Grande, sustentada por uma população educada no meio do embate das armas, affeita á todas as fadigas da guerra, não podia ser vencida pelos escassos recursos, que o governo de então pôz em acção.

E, caminhando-se de erro em erro, só veio ella a desaparecer ante a força de cohesão da nacionalidade brasileira e o sentimento energico de confraternidade, que caracteriza os rio-grandenses.

Foi assim, que essa luta ostentou, no largo espaço de dez annos, uma serie quasi ininterrompida de sangrentos feitos de armas, combatendo em fileiras contrarias pessoas que se respeitavam, que se estimavam, e que fóra d'esses encontros fataes cultivavam entre si relações de parentesco e de amizade.

E' notavel o caracter cavalheiresco d'essa revolução, em que, uma vez foadas as armas, baterão-se tantos bravos, sem odio, sem aversão pessoal, como cedendo á honra e ao pundonor militar, e á lealdade de suas idéas.

Cita-se o caso de haverem chefes militares n'essa luta manda-

do aviso aos chefes de forças contrarias, para que não se achassem em tal ou tal ponto, pois por ali tinham de passar; e, dado o encontro, a peleja era fatal, derramando-se sangue de irmãos.

D'este modo, a revolução tendeu á desapparecer por um trabalho espontaneo dos espiritos, e pela expansão do sentimento de confraternidade: como no corpo humano a saude reage natural e suavemente contra a enfermidade, e a expelle da economia.

No dia em que, resguardado o pundonor de cada um, a pacificação tornou-se, não um facto humilhante, mas o symbolo honroso da união nacional, todos a aceitarão com fervor, e no seio d'essa sociedade de irmãos, não ficou um odio, nem ainda a sombra de uma inimisade, proveniente de uma luta, que derramára tanto sangue.

E' minha convicção, que uma politica habil e generosa como a que iniciou o esclarecido cidadão José de Araujo Ribeiro, teria feito desapparecer em seus começos a revolução do Rio Grande.

Não houve ali a explosão de odios selvagens, o desencadeamento de paixões ferozes, que macularão essas tremendas manifestações em outras provincias do imperio.

Mas a politica hesitante da corte, mudando sempre de systema, procrastinou tudo; e pelo espaço de dez annos continuou em rude contribuição a dedicação dos fieis servidores da causa legal.

Em o anno de 1837, Andrade Neves tomou parte e distinguio-se, como commandante do corpo, nos seguintes combatos:

10 de Janeiro, no *Rio Pardo*;

17 de Abril, na *Fortaleza*;

25 de Junho;

19 de Julho;

12 de Agosto, na *Azenha*, em Porto Alegre.

29 de Setembro, na *Aldéa dos Anjos*.

E em 1838 os seguintes:

18 de Março, no *Passo do Bernabé*;

30 de Abril, combate do *Rio Pardo*, uma das mais sanguinolentas pelejas da revolução, em que o chefe dissidente Bento Manoel Ribeiro venceu o exercito legal commandado pelo marechal Sebastião Barreto Pereira Pinto:

5 de Outubro, no *Passo da Aréa*.

Em 1839, o tenente-general Manoel Jorge Rodrigues, commandante em chefe do exercito em operações no Rio Grande, convidou Andrade Neves a entrar para o quadro do exercito, no posto de alferes. Sendo elle já então major commandante do corpo, e havendo como tal prestado seus serviços, rejeitou o offercimento feito; e como simples official da guarda nacional continuou a servir até ao fim da revolução.

O decreto de 25 de Janeiro de 1840 conferio-lhe o posto de major honorario do exercito.

Em o referido anno de 1839, o theatro da luta transferira-se para o sul da provincia de Santa Catharina, que fôra invadida e occupada pelo chefe dissidente David Canabarro.

Em 1840 continuarão as operações militares no Rio Grande, tomando Andrade Neves parte distincta nos combates que se empenharão.

Tal foi o ataque de 29 de Janeiro, nas immedições de Porto Alegre; e o sanguinolento combate de *Taquary* a 3 de Maio, em o qual recebeu dois graves ferimentos de bala.

Por decreto de 7 de Setembro de 1841 foi nomeado tenente-coronel honorario do exercito.

Em 20 de Fevereiro de 1843, entrando-se em operações activas contra os dissidentes, Andrade Neves expedicionou para a campanha com o 9º corpo de cavallaria da guarda nacional do seu commando. No anno seguinte tomou parte nos combates do *Passo do Rosario*, em 28 de Abril; *Ponche-Verde*, em 26 de Maio, e D. Marcos, em 27 de Dezembro.

Em 1845, a feliz pacificação do Rio Grande veio interromper a brilhante carreira de seus feitos militares.

O illustre guerreiro, tão activo nos combates, como estremecido pela união de seus compatriotas, recolheu-se, cheio de jubilo, ao lar domestico, trazendo a sua fé de officio escripta nas honrosas cicatrizes de seu corpo.

Desde simples praça de pret, servira até ao posto superior de tenente-coronel honorario do exercito; e cada posto, elle o conquistára no campo de batalha por actos de bravura.

Em 2 de Junho de 1847, foi nomeado coronel da guarda nacional; e por decreto de 21 de Janeiro de 1850 commandante superior d'essa milicia nos municipios do Rio Pardo e Encruzilhada.

Abrindo-se a campanha contra Rosas em 1851, Andrade Neves organisou um corpo de voluntarios e engajados; a cuja frente marchou a 20 de Junho indo reunir-se ao exercito em operações.

Em Agosto de 1852, recolheu-se á sua provincia, depois de finda a campanha.

Em 1864, Andrade Neves recebeu ordem do presidente da provincia do Rio Grande do Sul, Dr. João Marcellino de Souza Gonzaga, para formar uma brigada, composta de guardas nacionaes de seu superior commando.

Em desempenho d'essa commissão, organisou os corpos 5º e 6º provisionarios, com quatrocentas e tres praças cada um.

Revive n'este momento em meu espirito a impressão, que senti ao vêr apparecer a guerra do Paraguay.

No seio da paz a mais profunda, duas provincias do imperio são invadidas uma após outra e seus filhos assassinadas no meio dos desertos: como outr'ora hordas de barbaros surdião de regiões desconhecidas, marcando seus passos com sangue e cobrindo a terra de treva e de luto.

Ha um mysterio insondavel n'esses transbordamentos de força bruta, que por mais de uma vez irrompeu na historia, e enchem de pavor e consternação a consciencia universal!

Bajaseth penetrou um dia na Europa com suas hostes, abateu a christandade sob as patas de seu cavallo, e atirou aos seculos essa palavra sacrilega:

« Irei fazer da cadeira de S. Pedro a manjedoura de meu cavallo »

Dir-se-hia, que o mundo moral desabava, estremeado pela clave d'esse barbaro!

Lá surgiu um outro barbaro! E a treva da noite moral desapareceu.

Que espectáculo! Tamerlão e Bajaseth!

Mas, n'essas catastrophes supremas não se encerra o fim dos destinos da humanidade!

E ella resurge vigorosa e forte d'essa provação augusta, á que a Providencia a submette.

Respeito á victima e á santa inviolabilidade, com que Deus a velou!

Aquelles que soffrerão com esta geração chamada repentinamente á dolorosa hecatombe de uma guerra sem tradições n'esta parte do mundo; os que virão abater-se a flôr da nação, substituida a aurora de seu futuro por um tumulto no campo de batalha, esses pôdem avaliar de nossa dôr, e da suprema angustia que nos apertou o coração.

Não vacilarão a fé e a esperança da patria no momento do sacrificio. Mas o crente julgou porventura chegada a hora de uma como expiação providencial; e aceitou resignado o decreto do Altissimo.

No meio da consternação de todos, surgiu o grande vulto de Manoel Luiz Osorio, como a aurora das esperanças perdidas d'esta geração.

Consubstanciando em seu animo viril o sentimento energico da nacionalidade brasileira, recebeu elle junto a si os defensores da causa da patria; e transfundio n'elles a chamma sagrada, que Deus lhe depuzera n'alma.

De uma massa informe de voluntarios e recrutas, formou um

exercito e essa escola de generaes, que salvarão a nossa honra e o nosso porvir na guerra do Paraguay.

Sampaio, Palleja, Andrade Neves e tantos bravos d'esse tempo, pertencem já ao numero dos mortos.

No desenvolvimento das operações militares da campanha do Paraguay, destaca-se tres periodos distinctos

O começo da luta caracteriza-se pela aggressão impetuosa e audaz do inimigo.

Da parte dos brasileiros, opera-se a organização resoluta e perseverante do elemento militar e das forças de resistencia para oppôr aos exercitos paraguayos.

Esse periodo é representado pelo commando do general Osorio e termina em 24 de Maio.

Começa o segundo periodo, representado pelos quinze mezes de inacção no Estero-Bellaco. O acampamento do exercito toma o caracter de uma colonia militar; revelando-se o typo de nossa indole, essencialmente branda e pacifica, mesmo no meio dos horrores da guerra. Nos campos de Tuiuti, edifica-se a igreja, funda-se a imprensa, estabelece-se o theatro, crea-se o periodico, symbolos da civilisação brasileira.

N'esse periodo predomina a arma de artilheria. Deu-se n'elle o revez de Curupaiti, apoz o qual os elementos brasileiros recompuzerão-se e augmentarão-se consideravelmente, para de novo se emprehenderem operações activas no territorio invadido.

Começa assim o terceiro periodo, em Julho de 1867, em que realisou-se o movimento das forças alliadas sobre o flanco esquerdo do inimigo.

Chegou a vez da cavallaria.

Esta phase de guerra está brilhantemente representada pelos feitos de armas do barão do Triumpho, e n'ella prendeu-se para sempre o seu nome á gratidão dos brasileiros e á admiração da posteridade.

Onde a lança brasileira encontrou-se com a paraguaya, esta partio-se para sempre, aniquiladas de uma vez as massas fanaticas que a trazião.

No dia 6 de Janeiro de 1869, pelas onze horas da noite, o barão do Triumpho, José Joaquim de Andrade Neves entregou sua alma ao Creador.

Na tarde de 7 foi o seu corpo dado á sepultura no cemiterio d'esta capital, onde jaz ainda, até que a patria cumpra o dever de recolher e guardar em seu seio esses restos venerandos d'um martyr d'esta cruzada.

Assumpção, Março de 1869.

Não assim o amor de Olympio e Margarida ; esse salbacia ; os olhos sim . os olhos são quem fallão , quem reflectem na im-
guagem mal colorida os toques da luz sébera do sentimento .

Encontrar-se os na quadra gazi da infancia , e absorvendo o
mesmo assepio de vida , attrahido , identificando-se . Em cada
uma d' aquellas avizes ha uma data , uma lembrança , um ju-
mento .

Agora ali estão elles , tão longe , tão afastados do mundo , que
nada perturba o encantamento em que se engolphão .

Empuando a natureza sorrir entre longanias , amargem a face
torcida no regajo lúrido da escuridade .

Vão separar-se , de permio os jubilos e esperanças assoma a
imagem triste da vida .

— Não me has de esquecer nunca , não é assim puzida Mar-
garida , minha noiva ?

— Nunca , nunca . Vai , estada e volta ;
has de encontrar-me pensando em ti a mesma , sempre a mesma !

— Abençoada sejas tu ! abençoadas sejas as tuas lagrimas !
Olha , Margarida , escuta , e se eu morrer ,

— Deus não ha de permitir . . . ou não supplicada por ti . . .

No dia seguinte de madrugada Olympio agrino a jornada do
destino .

Na portea da estacion um velho chorava como uma criança .
Era Pedro , fobro do primeiro . Na porta do seu unico aho-

A VESPERA

Margarida já se arrullava de quarto , acompanhada por
Estão na idade em que a vida semolha um jardim odorante , a

aurea dos infantis horisontes rebrilha na estrada rosicler das il-
lulões , o amor — harmonia da alma — tem as notas mysticas
da harpa eólia tocada pelas brisas sussurrantes da tarde .

Deixal-os , ali sob a cupula viridante do arvoredado , onde as
aves palpitão de ramaria em ramaria e o perfume do laranjal es-
pargé no ambiente .

Deixal-os , que võem enlaçados , perdidos em vagos anhelos e
scismares pelo ether da phantasia .

O amor , na primavera da vida é o hymno da madrugada e a
supplica da noite . E' uma fronte de 18 annos que pende languo
e apaixonada no seio casto de um anjo .

Que dizem elles que seja um mysterio ?
O amor artificioso e banal pôde escolher frases , tem a facili-

dade da eloquencia astuciosa ; custa pouco mentir quando o labio
esgotou ávido a taça da lascivia e a alma sentio o attrito da des-
crença .

Não assim o amor de Olympio e Margarida ; esse balbucia ; os olhos sim, os olhos são quem fallão, quem reflectem na linguagem mal colorida os toques da luz sidérea do sentimento.

Amão-se e eis tudo.

Encontrarão-se na quadra gazil da infancia, e, absorvendo o mesmo assopro de vida, attrahirão, identificarão-se. Em cada uma d'aquellas arvores ha uma data, uma lembrança, um juramento.

Agora ali estão elles, tão longe, tão afastados do mundo, que nada perturba o encantamento em que se engolphão.

Emquanto a natureza sorri entre louçanias, amergem a face rorejada no regaço lúrido da saudade.

Vão separar-se, de permeio os jubilos e esperanças assoma a imagem triste da duvida

— Não me has de esquecer nunca, não é assim querida Margarida, minha noiva ?!

— Nunca, nunca, Deus sabe, Olympio. Vai, estuda e volta ; has de encontrar-me pensando em ti, a mesma, sempre a mesma !

— Abençoada sejas tu ! abençoadas sejam as tuas lagrimas ! Olha, Margarida, escuta, e se eu morrer ?

— Deus não ha de permittir. . . eu fico supplicando por ti. . .

No dia seguinte de madrugada Olympio seguiu a jornada do destino.

Na porteira da estancia um velho chorava como uma criança. Era Pedro Rodrigo que estremeçia pela sorte do seu unico adorado filho.

Margarida, lá da janellinha do quarto, acompanhou até perder-se nos longes do caminho a imagem idolatrada de Olympio.

A VOLTA

Mal assomarão no horisonte os primeiros reflexos do dia 18 de Dezembro de 1869, já resoavão pela estancia os gritos da peonada. O enlaçador agil e adestrado, refreando o redomão feroso, volteava e revolteava o laço em busca da mais gorda novilha. Atraz de um capão surdio a victima. O animal desconfiado ergueu os chifres, sacudio a cóla e disparou campo fóra ; porém inutil, o tiro do laço não podia errar e foi apanhal-o em distancia. A novilha enredando-se afocinhou em terra ; mas logo erguendo-

— se rapida, empinando-se, recurvando o lombo erigido, resfolegava enfurecida, escarvava o chão, e envestia a peonada.

Em poucos minutos a faca ponteguda e afiada do carneador golpeou certaíra o garrão da pobre novilha, que fazia inúteis esforços para desenhencilhar-se, atroando os ares com enfurecidos berros. Até o cabo desapareceu o ferro do peão nas carnes da victima, que, após dois arrancos escruciantes cahio exausta n'uma poça de sangue.

A' essa mesma hora, Margarida sofregamente abriu as janelinhas da alcova e sobreestteve embevecida em longos extasis. Depois seu olhar irrequieto como as andorinhas pairou nos terminos da estrada em busca do ideal. A proporção que a aurora matizava as campinas natalicias, em sua alma illuminava-se o altar dos candidos affectos.

— Oh! não tardes, não tardes Olympio! Ha tres annos que te vejo d'aqui e d'aqui te esperó!

E Margarida com os olhos arrazados de lagrimas olhava para os céos, testemunha e confidente de suas magoas.

— Como custaste a chegar, ó dia venturoso! que noite longa e interminavel, santo Deus!

Com effeito toda a noite passára Margarida n'uma agitação indefinível; ora amergendo a fronte em dulcissimos scismares, ora relendo uma por uma as cartas perfumadas de candores, osculando-as, affagando-as, — terno poema de um amor celestial. Nem um momento siquer consiliou o somno; uma por uma escoarão-se as horas e mal presentio o crepusculo da alvorada saltou do leito.

Erão mais ou menos 8 horas, quando no extremo do caminho assomarão dois vultos. Margarida toma o oculo e offegante observa. Um grito convulsivo prorompe-lhe do imo d'alma: — E' elle, é elle, não me engano!!

Subita alegria apodera-se de todos n'um instante. O alvoroço é geral.

— Dá-me o oculo, dá-me esse oculo, menina! dizia Pedro Rodrigo, não cabendo em si de contente. — Sim, é o meu Olympio! exclamou chorando e rindo o enternecido pai.

O quadro que seguio-se o leitor já imaginou sem duvida; o que eu disser será apenas um reflexo pallido, um colorido apagado da realidade tocante.

Ha scenas que não póde descrever fielmente a mão que se propõe esboçar ligeiramente uma historia; eu tentei escrever um conto, e como tal, mesmo assim os seus lineamentos não se exemem de grande incorrecção.

Mas não nós percamos em divagações inúteis. O resto da vida.

Debuxemos o quadro.

Mal Olympio transpôz a porteira da estancia a cachorrada arremecou-se como uma setta sobre elle. A palavra, porém, do moço, os cães sustarão o impeto, a ferocidade dobrou-se, torruída por encanto em humidade, foi lamber as plantas de Olympio.

O estudante, cercado pelos cachorros, que se atiravão sobre elle n'um phrenesi embaçado, desejava-os com uma docilidade extrema. E os animaes cada vez mais doudos de alegria retrucavão-se, saltavão, espojavão-se n'um infrene alvoroço.

A custodiã de Olympio desconvencillar-se d'elles. Depois foi lançar-se nos braços abertos de Pedro Rodrigo a bênção paterna seguiu-se o amplexo dos amantões. Pelas portas apinhadas espreitavão todos e todos por sua vez almejavão vê e saudar o futuro medico.

Os oriondos, acompanhados dos brancos infantis de Olympio, ali estavam esperando a partilha que lhes devia tocar, com os olhos arregalados sobre o moço.

Passada a primeira e mais forte emoção dirigio-se o illustre hospede á gente de casa. Todos porfiavão em responder-lhe.

— Então, Manoel, Pedro, Francisco, e tu, Bernarda, e tu, Helena, vocês todos emfim como estão?

E tu, José? Ora como estão crescidos estes paraltas! Olha o Ignácio que deixei a engatinhar!

Por outro lado Pedro Rodrigo dava algumas ordens:

— Então, já está feito o café? Andem, aviem isso quanto antes! El o almoço que não demore, que não demore, ouvirão?

E onde está o Tito, pobre pai velho? perguntou Olympio á Margarida.

— Morreu! disserão todos.

— Morreu?

Morreu ha duas semanas, tornou ainda Pedro Rodrigo.

Homem, nem a proposito, has de vêr o Isidoro que não anda bom. Já lhe dei uma dose de camomila.

— Hei de vêr, e, meu pai.

— Então, que demora é essa? Quando vêm esse encantado café?

Já vai, já vai, meu padrinho, está na chicara.

— O Izidoro ha de ficar bom, continuou Pedro Rodrigo, que já enxergava no filho a figura grave de Esculapio; e depois, não fazes idéa como tem soffrido ali o visinho Maneca Torto. O coitado está ás portas da morte. ... se, podesses salvar o, que victoria, que victoria, heim?!

O resto do dia passou Olympio e sua familia na mais intima felicidade.

Pedro Rodrigo não fallava senão no seu futuro medico; não havia palestra que lhe agradasse quando não se tratava d'elle.

O assumpto predilecto do estancieiro era o seu doutor; o filho para elle era um poço de sciencia, um talento incompravel.

Os elogios exaggerados do velho, no entretanto, vexavam Olympio, que se esquivava de ouvi-os. Porém, Pedro Rodrigo não perdia occasião de apontal-o como o typo da severidade e uma gloria invejavel. Andava seriamente monomaniaco.

— Pois ainda não o viste, Antonico?! Nem has de conhecê-lo mais... Parece outro! dizia elle a um irmão, que acabava de chegar.

— Nem sabia que estava por cá.

— Ora, ora!... Olympio, o Olympio!... Cá está o tio Antonico que quer ver-te... Não fazes idea como ando orgulhoso... O rapaz parece outro... E que medico vai sahir d'ali, que medico, Antonico!... Se vem mais cedo apostava em como o Isidoro não tinha morrido... porém já era tarde e perdi-o bem a meu pezar... Era um excellenté negro!...

— Era, deu provas.

— Mas é preciso que o vejas... Olympio, o Olympio!

— Deixa-o... Não faltará occasião; talvez aude passeando.

Qual, está em casa, não se fartão nunca; sempre juntos e agarrados!

— Quem?

— Ellés... Pois o rapaz está apaixonado pela afilhada, e o que se ha de fazer quando elles querem.

— Apaixonado pela filha do teu peão?! E consentes? E o que dirão, e o que dirão!? Reflecte, mano Pedro.

— Pedro Rodrigo encostou o queixo á palma da mão e esteve largo tempo pensativo. As palavras do irmão o impressionarão a tal ponto, que lhe davão sérios cuidados.

— A filha de um peão na familia dos Rodrigos Machados!...

Por Deus seria uma vergonha, mano Pedro! Há tidões que não se lavão e esta...

— Ora, não facas tamanha escaramuça!... Não é a cousa tão feia como o diabo pinta; retrucou o estancieiro, quebrando o longo silencio.

— Só assim não botarei mais os pés n'esta casa

— Margarida é um anjo, Antonico...

— E o pai?

— Foi educada, teve mestres, os melhores de S. Gabriel...

— E o que tem isso afinal?

— Vamos e venhamos...

— Um peão arreventado!

— E tu o que foste, mano Antonico?

— Mas ninguém já se lembra, saltou Antonio Rodrigo com as feições contrahidas pelo rancor que lhe ia nas entranhas e afoqueára-lhe as faces.

— Ninguém se lembra, dizes tu...

— Sabes o que mais... Pai e filho não têm juízo!

— Antonico!

— E' o que te digo!

— Mas não repitas, não repitas!... Quem te avisa, teu amigo é... Eu nem sei como me estou contendo, grandecissimo insolente.

— Estás doido, retrucou Antonio Rodrigo sahindo.

— Vai-te quanto antes e não me pizes mais aqui. Não admira que os teus filhos sejam todos uns brutos, quando o exemplo parte de ti, refinada bisca.

Pedro Rodrigo estava fóra de si.

Felizmente, porém, á hora do almoço chegarão dois vizinhos, que vinhão saudar o doutor em perspectiva. Foi agua na fervura, Pedro Rodrigo abrandou.

Os vizinhos procurarão justamente á hora do almoço, e comerão como dois monges esfaimados.

Segundo manda o estylo, depois do almoço, accenderão os cigarros e versou a conversação sobre os predicados de Olympio.

Pedro Rodrigo não cessava de exaltar o filho, que pouco a pouco fóra se esgueirando em companhia de sua casta Margarida.

— Deve ser mesmo uma satisfação possuir um filho assim, dizia um dos vizinhos.

— Se o é, eu que diga!

— E que modo jovial tem elle, que maneiras!

Pedro Rodrigo esfregava as mãos de contente ouvindo taes elogios.

— Bem me disserão, torna um dos hospedes.

— O que lhe disserão, João Candido?

— Que o mocito tinha mesmo a presença de um medico. Não me enganarão, tal e qual.

A palestra durou até a hora do jantar e os parasitas comerão como quem se despede do mundo.

OCCORRENCIAS

No dia seguinte Olympio foi assistir o rodeio. O estudante fez diabruras a cavallo; os proprios corredores ficarão admirados da sua audacia e agilidade.

— Não te dizia? Bem se vê que é cá dos pagos! Guapo no mais!...

Os applausos erão geraes.

— Mas não se perca, mocito, tome tento, que roda mesmo. lhe aviso! dizia um domador.

— Olhe que o pótranquito o derruba, não facilite... Deixe-se de lagartear que fucinha quando menós; exclamou um visinho que ali estava.

— Querem vêr como se piala? Ainda não me esqueci, disse Olympio revolvendo o laço nos ares e disparando atraz de uma vacca.

Em seguida a peonada prorompeu n'um alarido phrenetico; o animal tinha rodado partindo uma guampa na quéda.

Concluido o rodeio, os peães cercarão Olympio. Recahio a conversação sobre o pai de Margarida. Desde que Manduca falléera propalou-se na estancia um boato singular: dizião que á meia noite apparecia um vulto em frente ao rancho abandonado do peão, e que se ouvião prolongados gemidos n'aquelle lugar.

A noticia correu de bocca em bocca, causando uma apprehensão terrivel nos espiritos credulos. Alguns, longe de negarem a absurdidade, asseveravão-na tenazmente.

Olympio em vão tentou demonstrar a impossibilidade de semelhante acontecimentó; embalde, a idéa estava arraigada demais.

— E' o que lhe digo; eu cá nunca fui homem de me assustar por qualquer cousa; mas estes olhos que a terra ha de comer têm visto, por Deus o juro e não me arrede d'aqui!...

— Ainda na semana passada, dizia outro, houve quem escutasse os taes gemidos... Puna! qué arrepião o lombo!

— Tal e qual! murmurarão alguns em côro.

— E' a alma do pobre diabo que anda penando!... Eu mesmo já vi duas vezes e se não visse apostava em como era pulha!

Chegando á porta da casa Olympio parou-se a conversar com dois crioulos. A affabilidade com que o moço se dirigia aos escravos estava merecendo a reprovação de Pedro Rodrigo, que observava attentamente de uma janella. O estudante sabia mui-

to bem com que severidade, ás vezes cruel, seu pai tratava essa parte do genero humano, sobre quem peza ainda um despotismo nefando, em cuja frente a fatalidade assellou o stygma da escravidão. Olympio, porém, alma purificada no crysol da democracia, comprehendia e lastimava o martyrio da pobre raça.

Pedro Rodrigo quiz admoestar brandamente o filho, mas conteve o impeto.
D'ahi a dois mezes seguio Olympio para a corte.

EPILOGO

Nas férias do quinto anno o estudante era esperado. Pedro Rodrigo e sua familia premeditarão uma surpresa e vierão recebê-lo em Porto Alegre. Era o tempo do natal. Margarida tinha desejos de assistir a festa do Menino Deus e logo que chegou foi visitar a gothica capellinha. Na ultima carta que recebera dizia-lhe o noivo: — « Falta um anno, apenas um anno, minha querida Margarida. O momento venturoso approxima-se. Bem vêes, sou o mesmo, sempre o mesmo,

Chegando o paquete em que era esperado, Olympio, Pedro Rodrigo correu pressuroso ao lugar do desembarque. A decepção não podia ser mais dolorosa; em vez de abraçar o filho idolatrado, entregarão-lhe uma carta tarjada de negro. O coração do velho desfez-se em lagrimas, era para enlouquecer tamanho desespero.

Olympio, Olympio?! perguntarão todos em casa.
Não veio?! E não escreveu, padrinho?! tornou Margarida deixando cahir dos olhos uma cufiada de lagrimas.

Não sei o que respondeu o estancieiro.
Quando as azas da noite desatarão-se sobre a terra, um canto sublime de emoção ondejava nos páramos da tristeza.
Era Margarida que soluçava a memoria das saudades eternas.

Não cantes, não cantes mais assim, que me estás cortando o peito; exclamou Pedro Rodrigo, deixando cahir a fronte em canécida no seio offegante de Margarida.

— Que lagrimas são essas, meu padrinho?! — Ah! eu sei, eu presentia!...

O nosso Olympio morreu!
Margarida, como se lhe tivessem arrancado o coração, soltou um grito lancinante e cahio sem sentidos.

Ha tres annos, nunca mais a viu.
RIBEIRO

FREIT. — Como?

FEIT. — Hóntem fallei com o ministro da fazenda, e elle me garantio que ha cerca de quinze pretendentes ao lugar. Tenho pois a jogar minha influencia com poderosas influencias; vai ser uma luta custosa, e com a demanda do emprego, tambem sóbe de valor. E' como o genero nos mercados com suas altas e baixas.

FREIT. — Mas...

FEIT. — Qual más nem meio mas E' palavra que não foi feita para os casos peremptorios. Se apresenta 500\$000, amanhã está nomeado; senão tenho quem os dê, e é inutil tanto a mim como ao senhor tratarmos do que é impossivel realizar-se.

FREIT. — Ah! politica! politica! Ter eu sobre mim sete innocentes creaturas e extinguirem o lugar de amanuense!

FEIT. — Que quer? O mundo é assim, e não ha outro remedio senão seguil-o e imital-o por fas ou por nefas. Mas isto não vem ao negocio, meu caro.

FREIT. — Só trago comigo os 300\$000.

FEIT. — Deixe-os, e sequer breve a portaria almejada, trágame o resto.

FREIT. (*passando-lhe um maço de cedulas*) — São minhas economias. Quanto ao restante só se fôr pagando dos ordenados...

FEIT. — Entregue no escriptorio e leve a quitação. O mais arranja-se. Passa-me uma lettra, a 3 % ao mez, pagavel em 7 mezes.

FREIT. — A 3 %!?

FEIT. — E' para quem quizer...

FREIT. — Bem, senhor; ha oito dias estou desempregado, posso pois contar amanhã com a nomeação?

FEIT. — Vá descansado. (*Despedem-se. O commendador toca a campainha. Miguel entra*).

SCENA II

O mesmo e Miguel

MIG. — Senhor.

FEIT. — Ha mais alguem na ante-sala?

MIG. — Sim, senhor, um sujeito mal encarado, de casaco verde já puido, sapatões...

FEIT. — O nome? O nome?

MIG. — Diz chamar-se João Machado.

FEIT. — Fal-o entrar. (*Miguel sahe*).

O mesmo e João Machado

FEIT. — Então como vamos, carissimo irmão e socio commanditario?

MAC. — O' contente, contentissimo!

FEIT. — Já vejo que os negocios...

MAC. — A ultima factura foi uma california, uma mina, uma coisa mesmo dos céos. Que lucros! Que grossa pechincha! Que chelpa luminosa!

FEIT. — Conta-me lá isso que tanto te maravilha.

MAC. — Olhe a coisa e veja se não sou um socio de espavento. Aquelles 7 escravos que no Rio Grande os senhores venderão por incorrigiveis, quilombolas, etc., etc., custarão-nos 3:700\$000, não é?

FEIT. — Certamente.

MAC. — Pois arrumei-os ahi para um engenho de assucar por nada menos que 10:000\$000. Que tal? Comigo não ha caiporismo.

FEIT. — Muito bem! Muito bem!

MAC. — Aquella nagô que custou-nos 200\$000, por ter um cancro nas entranhas, foi outra pechincha, que rendeu-nos 600\$ de lucro; vendi por 800\$000. Que tal?

FEIT. — Admiravel! Admiravel!

MAC. — O negro velho que contava seus setenta e tantos janeiros e importou em 200\$000 pinteilhe os cabellos e a barba, esfreguei-lhe azeite na pelle e despachei-o por 700\$000 para um roceiro de Minas. Que tal?

FEIT. — Bravissimo! E's o typo do grande negociante.

MAC. — O ultimo carregamento foi uma verdadeira california.

FEIT. — Hoje o paquete do Sul deve chegar e trazer-nos nova remessa.

MAC. — Eu vim mesmo com a idéa de lembrar-lhe que não se esqueça de obter um agente em Pelotas, inda que se lhe pague uma commissão razoavel. Quantos mais nos vierem, maior será o rendimento. E eu mesmo não gosto de andar com as mãos abanando Barco parado não ganha frete. Adeus. Ao meio dia virei prestar contas.

FEIT. (*despedindo-se*) — Até logo... (*Machado sahe. O commandador toca a campainha*).

O mesmo e Miguel que entra

Mic. — Senhor.

FEIT. — Há mais alguém?

Mic. — O homem velho.

FEIT. — O corrector de fundos publicos? O Barroso?

Mic. — Sim, senhor; foi este o nome que elle deu.

FEIT. — Despachaste-o; disseste-lhe que não confiasse comi-
 gos?

Mic. — Sim, senhor.

FEIT. — Bem! Prepare a sala.

SCENA V

Miguel só, espanando os moveis

Mic. — Afinal eis-me ancorado em novo porto. Que diffe-
 rença entre meu novo anno e o Sr. Albuquerque! Lá ultimamen-
 te já tinha seu cheiro a defuncto! (*Chegando á janella, á esquerda
 e lançando um olhar para a rua*) O aquelle por força é Monchi-
 que. E elle mesmo em corpo e alma! Psio! Psio! (*Acendendo*)
 Venha cá, entre! (*Retirando-se*) Que milagre! Monchique tezo
 como o Pão de Assucar, elle que era como o Corcovado! (*Indo á
 porta do fundo, onde se ouvem as pizadas de Monchique. Fallando
 para fóra*) Olá, meu velho! Onde está teu rheumatismo chro-
 nico?

SCENA VI

O mesmo e Monchique

Monc. — Ah! Miguel, a só lembrança de tornar a vêr a pa-
 tria e a minha cara irmã, ha muitos annos criado do vigariô de

Freixo-de-Espada-á-Cinta, derão-me nova alma e remoçarão a este corpo mortificado pela idade.

Mig. (*batendo-lhe no hombro*) — Sim, velho gambá! não é com taes labias que me fazes engulir a pillula. Já te conheço de outras casas com o rheumatismo de gloriosa memoria.

Monc. — Vamos e venhamos, meu Miguel, é preciso ser assim, senão... ai, minhas encommendas! annos vem, annos vão, e não sahe-se do papel de burro. E's ladino e lampeiro, por isso sempre te estimei de véras. Escuta as regras do codigo de bom viver, e com ellas te darás perfeitamente bem.

Mig. — Hum! Hum! Lá vai coisa!

Monc. — Artigo I. Quanto mais tolo e crelhudo, mais rico, vaidoso e espediçado, tanto melhor o amo. — Art. II. Adulal-o em seus vicios e paixões, compromettel-o sempre, sem nos compromettermos nunca. — Art. III. Sacrifical-o, illudil-o, fazendo reverter todos os seus males e desvarios em nosso proveito. — Art. IV. De posse de seus segredos, e ás vezes sincera estima, revezar os papeis, e de criado em nome, fazer-se amo *de facto*. Assim pensava, Miguel, meu honrado pai... Deus o haja em sua gloria... Gente de nossa classe que seguir os quatro artiguitos — acha logo a *arvore dos patacos*.

Mig. — Fallas como um livro!

Monc. — Experiencia, filho, que é má da riqueza!... (*Pausa*)... A proposito, como vais com o novo amo?

Mig. — Quanto á cachola, creio que é de pedra...

Monc. — Optima propriedade! Bem ferida deve dar fogo.

Mig. — Gosta das mulheres, bom vinho, finas iguarias e do Alcazar.

Monc. — Estupendo! Gordos interesses em continua festa! Ah! meus tempos!

Mig. — Achas que foi rendosa a mudança? Que tive juizo?

Monc. — Se foi!? Juizo e juizo de sobra, maganão! Aquillo está que é mesmo uma balburdia, que não me entra cá nos cascos. Tenho dito com os meus botões: Em breve temos estralada. Albuquerque anda com cara de réo, amarrada, triste e amarella que nem cera; Florinda cada vez mais insolente e atrevida, apesar de mostrar serios cuidados que a abatem; a menina traz fundas olheiras, signal que chora e sofre; o guarda-livros, pallido, mudo como um espectro, estúpido como uma toupeira! Estas e outras fizeram-me pensar e reflectir sobre a roda da fortuna, e afinal resolver-me a viagem á minha terra... Meu defunto pai (*voltando os olhos para o céu*) Deus o haja em sua gloria... Dizia meu pai:

Dia de S. Matheus
Vindimão os sizudos
Semeião os sandeus.

MIG. — E's o mais sabio de todos os criados, Monchique!

SCENA VII

Os mesmos e o procurador de Feitosa que entra

PROC. (*a Miguel*) — Onde está o Sr. commendador?

MIG. — Trabalha em seu gabinete.

PROC. — Vá chamal-o.

MIG. — Está incommunicavel.

PROC. — Vá chamal-o.

MIG. — Mas...

PROC. — Qual mas! Diga-lhe que o procurador de seus negocios o espera.

MIG. — Vou n'um instante. (*a Monchique baixo*). Espere-me no vestibulo, temos, meu velho, uma boa garrafa do Porto a embarcar. (*Sahe. Monchique esgueira se pelo fundo*).

SCENA VIII

O procurador só

PROC. — O commendador vai recitar-me alguma arenga ex-abrupto... Não importa! Se hontem fiz mão jogo, dar-lhe-hei conselhos hoje para ganhar a partida. O tal Albuquerque, animalajo que não têm a energia moral para ser chefe de familia, é que cortou-me a ultima vaza.

O mesmo e Feitosa

FEIT. — Madrugou!

PROC. — São seis horas da manhã, e como até ás dez o espaço não é longo, desde que o sol apontou estou no serviço de V. Ex.

FEIT. — Então, meu amigo?

PROC. — Não vai bem...

FEIT. — Já vejo que o senhor enterrou a causa...

PROC. — Perdão, advoguei como podia. Se meus esforços não tiverão bom éxito, é que o Sr. Albuquerque é o joguete dos caprichos de sua filha. Ainda hontem a noite o procurei. Estava abatido, fundas rugas entre os sobrolhos denotavão graves preocupações, seu sorriso era doloroso, sua voz tremulã de emoção, seu gesto indefinivel; porém sua vontade, o predomínio d'um homem em sua casa erão tibios, nullos.

FEIT. — De todo o aranzel não entendo patavina. Amo aquella mulher, é o que sei e a todo transe hei de possuil-a, embora n'este commettimento yá-se a metade de minha fortuna. (*Gesto declamatorio*). Sabe o que é amor? Conhece seus effeitos que cu fazem d'um homem um louco, um bruto, ou o mais feliz mortal?

PROC. — Casei-me não ha muito, portanto se o sei passa em julgado.

FEIT. — Inda bem. Eu sinto ha dois mezes um vacuo que não sei exprimir e nada o preenche; um volcão que me queima incessante a alma e ha de por fim matar-me... Não venhão dizer-me que é sentimento incompativel com os annos avançados; mente quem o disser; amor não conheçidades... Que importa estragos do physico, se o coração rejuvenesce todos os dias?! Se elle é o mesmo que amou Rosita e tantas outras feiticeiras?!

PROC. — Concordo em parte.

FEIT. — Como?

PROC. — Não vejo meios de conciliar o sentimento de V. Ex. com o objecto d'este sentimento. Vou explicar-me, reatando o que eu dizia a respeito da entrevista com o Sr. Albuquerque. Apenas fallei-lhe na resposta que me promettera dar á tarde, fez chamar sua filha, exprimindo-se pouco mais ou menos assim: Senhor, é um negocio bastante grave no qual sómente ella como interessada poderá decidir-se. E imagina que arrazoadó final allegou a ingenua menina?

FEIT. — Qual?

PROC. — E' que V. Ex. era um velho imbecil, em demazia insolente por fazer uma proposta de casamento como uma compra de escravos, e eu...

FEIT. — Imbecil! Insolente! Ella disse?... Dengues de criança...

PROC. — De criança malcriada, de accordo; pois tambem mimoseou-me com algumas gracinhas pezadas. Fazendo um sumario do que expendeu quanto a este humilde criado de V. Ex. chamou-me em bom portuguez; de rufião.

FEIT. — E' um demoninho! Eu imbecil! Insolente! E' preciso trabalhar, senhor.

PROC. — Ordene V. Ex.

FEIT. — Eu quero Juvenilia, quero, entendeu? Avalia bem a força d'esta palavra?

PROC. — Perfeitamente bem. O quero de V. Ex. significa que eu não trepide ante barreira alguma. Basta de tergiversar, é necessario ir direito aos fins por todos os meios...

FEIT. (*Interrompendo-o*) — A's mil maravilhas

PROC. (*continuar do*) — Por exemplo, ha duas lettras que hoje se vencem da casa Albuquerque; ora, desde que não podem satisfazer os compromissos com V. Ex. nas circunstancias actuaes, muito menos poderão fazel-o com os outros credores relativamente pacificos; V. Ex. deve resgatal-as, se quiser tornar poderosas suas allegações.

FEIT. — Feliz lembrança! Ponha-se em campo e faça por obtel-as mesmo por valor superlativo.

PROC. — Nem tanto! Podemos espantar a caca. Dirigirei a negociação Além do que acabei de apontar, não seria de todo inutil adquirir outras dividas de Albuquerque.

FEIT. — Faça, meu amigo; o que fizer esta bem feito.

PROC. — Ha um moço ainda, cuja presença pode ser prejudicial á causa que pleiteamos. Fallo de Faustino o feliz rival de V. Ex.

FEIT. — Faço ajustar um capoeira que em qualquer tumulto o despache para melhor vida.

PROC. — Nada, nada de crimes! Sou homem da lei, e como tal o primeiro a respeitá-la. Só ella deve servir-nos de arma... E que arma! Em si reúne todas as condições das armas defesas que falla o art. 3º da lei de 26 de Outubro de 1831.

FERR. — Mais clareza, porque deversas lhe declaro, não vejo o alvo a que vai ferir.

PROC. — Sabe V. Ex. como caçao a paca em nossos matos?

FEIT. — Mas, homem, que tem a paca com Faustino?!

PROC. — Vai sabel-o. Os sertanejos notao o trilho, que é

sempre o mesmo, deixado entre as folhas; e tendo ella de passar ahi como nas noites anteriores, dispoem o mundão! (+ Pausa).

FEIT. — E!... depois?

PROC. — E depois... traz... zás! O animal está seguro. A legislação é semelhante. Só os ignorantes e tolos deixão-se cair na armadilha. E digamol-o tambem, entre parenthesis, aos homens de muito boa fé. Conheço Faustino e pelas disposições geniaes, um processo crime sentava-lhe perfeitamente bem.

FEIT. — Como?

PROC. — Por um simples processo criminal. Com o meio circulante não falta quem denuncie. O resto pertence á justiça publica que forma-lhe auto de culpa ou do autor que grangearmos...

FEIT. — E as testemunhas?

PROC. — V. Ex. ha de ter o prazer de ver autuados tambem seus depoimentos que serão proporcionaes á cópia de razões monetarias. O juramento, como sabe, é uma burla para mais da metade do genero humano.

FEIT. — E qual o crime?

PROC. — O previsto pelo art. 219 do codigo. Faustino é um homem sem costumes, perverso, libertino, perigoso ás familias honestas de seu bairro e consequentemente á moralidade publica; obtem-se alguma innocente *donzella* para os fins almejados; o delicto está rodeado de todas as circunstancias aggravantes, etc., etc. E assim determinado o plano de batalha, não é difficil prever o resultado. Ah! E' preciso não esquecer que o acontecimento criminoso deve ser precedido por um prefacio na imprensa, artigo ou mofina furibunda que prepare alguns dias antes o campo para o libello. Porém uma machinação d'estas não póde ser conclusa afinal sem o elemento poderoso... Vem *ad rem* uma anedocta que li, há pouco, n'um jornal. Tendo Luiz XII de fazer guerra ao duque de Milão, foi aconselhar-se com Diogo Trivulce, um dos seus generaes, e perguntando-lhe do que mais precisavão para levar a effeito a campanha, respondeu-lhe este: De tres coizas absolutamente indispensaveis: Dinheiro, dinheiro, e mais dinheiro.

FEIT. — Faça, faça! O senhor inevitavelmente ha de ser sempre o meu braço mais intelligente.

PROC. — Então cante victoria, Sr. commendador, a menina ha de vir supplicar a posse do coração de V. Ex.

FEIT. — Assim seja. E' o meu mais ardente desejo.

PROC. — Tenho outra boa nova a dar.

FEIT. — Qual?

PROC. — Creio que o filho tão anciado durante longos annos, em breve virá abraçal-o.

FEIT. — Será possível?!

PROC. — É uma nova missão que desempenharei com a solicitude que me é habitual no serviço de V. Ex. Pelo registro de obitos, vi o assentamento relativo a Rosa. Tomei informações e sei que existe um seu irmão na cidade de Campos; portanto é luz sufficiente para illuminar o quadro do passado, sabendo distribui-la a proposito.

FEIT. — Tem sido talvez a maior verba de despeza os passos inuteis dados á procura de meu pobre filho. . . Oh! se eu o tivesse, não queria mais afeições, elle seria o consolo e a alegria de meus ultimos annos. Esqueceria Juvenilia e quem sabe, amasse o mundo?! Meu amigo, descubra-o, e sua recompensa será acima do que possa imaginar-se.

PROC. — Tenha V. Ex. confiança em mim. O tempo urge, hoje até ás 10 horas é dia de continua azafama. Até logo, Sr. commendador.

SCENA X

Commendador só

FEIT. — Emfim, este homem será sempre meu cerebro e meu braço! E depois, o que admiro n'elle, senhor de todos os meus segredos, serve-me com o mesmo zelo e affã que nos primeiros tempos. . . Devo lembral-o em minhas ultimas disposições. . . (*Arcompenetrado*) Oh! mormente se descobre meu unico e idolatrado filho! Pobre de meu filho!

SCENA XI

O mesmo, Miguel e Florinda

Mig. — A Sra. D. Florinda de Albuquerque. (*Retira-se. Florinda entra. Trocados os cumprimentos usuaes, o commendador fal-a sentar-se no divan*).

FEIT. — A visita de V. Ex. é tanto mais honrosa, quanto inesperada.

FLOR. — Há de estranhar naturalmente de em tão critica si-

tução apresentar-me em sua casa; porém, ouvindo-me, saberá avaliar os motivos que impellirão-me a semelhante passo.

FEIT. — Ouvil-a-hei sempre com summo prazer em quaesquer circumstancias.

FFLOR. — oi seu serviço que aqui me trouce. Sei que offereceu um meio simples de sanar as difficuldades que ameaçavão e ainda ameação aos negocios de meu marido; e este recurso vindo na hora extrema foi recusado imprudentemente.

FEIT. — E' verdade. Deus sabe quaõ puras erão minhas intenções.

FLOR. — Assim o comprehendi; mas minha enteada que tem inteiro predominio no animo de meu marido, entendeu que era melhor satisfazer uma criancice e desfez o risonho quadro que o senhor tão amistosamente nos offerecia

FEIT. — Velleidades de moça!

FLOR. — Velleidades de moça! Não o diga! Chame antes tresloucamento ou cousa que o valha.

FEIT. — Duvida que Juvenilia tenha excellentes qualidades?

FLOR. — Nem mesmo o sei! O que posso tirar de todo seu procedimento, é que ella quer parecer-se com a personagem de algum romance. Faz crêr isto sua extrema affeição para as flôres, principalmente para as sensitivas. A estas cultiva-as no jardim, dentro de casa; seu sello as representa; tira augurios sobre ellas e não sei mesmo que outras loucuras fará longe de mim.

FEIT. — E' esta face de seu genio muito acima das vulgaridades do mundo que fez-me apreciar-a.

FLOR. — Tambem não vim estereotypal-a em seus defeitos moraes. Minha visita aqui tem dois fins: tratar dos interesses de meu marido, um parvo que os descuida, e conciliar-os com os interesses do senhor. O casamento em questão, favoravel a ambas as partes, tem um só inconveniente que é a opposição de minha enteada; fazendo-se desaparecer a pedra de escandalo, desapparecerão os escrupulos de Juvenilia.

FEIT. — De que pedra de escandalo falla V. Ex.?

FLOR. — Da existencia do guarda-livros Faustino em minha casa.

FEIT. — Então?...

FLOR. — Elle é o verdadeiro, o unico motor da desgraça de meu marido, e o obstaculo á realisação do casamento.

FEIT. — Já dei as providencias para inutilisar meu feliz rival. Em breve o farei amaldiçoar-me entre as barras d'uma prisão.

FLOR. — O' o senhor é um homem de raro merito! A victoria é certa; grangeará por meios fortes, o que lhe foi impossivel

com brandura (*Arguendo-se*). Inda bem que a penetração do Sr. commendador previu o que competia fazer.

FEIT. — Oual-a-hei sempre com summo prazer em pres-

SCENA XII

Os mesmos e Miguel

MIG. — O Sr. Faustino de Albuquerque.

FLOR. — Meu Deus! Estou perdida!... Se elle me vê aqui.

FEIT. — Diz-lhe que não estou em casa!

MIG. — E' impossivel convencê-lo. Espichei-me dizendo que meu amo estava e agora não ha modos de dissuadi-lo.

FEIT. — Manda-o entrar e não desampares a porta. (*Miguel retira-se. A' Florinda*). A senhora occulte-se em meu gabinete. (*Florinda sahe*). Que significa semelhante visita?

SCENA XIII

O mesmo e Faustino. Cumprimentão-se

FAUST. — Cansei de procural-o, Sr. commendador.

FERR. — Sentemo-nos. Tem vindo á minha casa?

FAUST. — Repetidas vezes desde hontem.

FERR. — Estou presentemente ás suas ordens. Se tem alguma commissão a preencher, póde explicar-se; Sr. Faustino,

FAUST. — Aproveito a permissão com summo prazer. Senhor, varios negocios troucerão-me aqui. (*Pausa*) Ha homens, Sr. commendador, que esquecem ás vezes a importancia do mandato que se lhes delega e d'elle abuzão sem medida, conculcando imperiosos deveres e até o respeito devido com o infortunio.

FEIT. (*interrompendo-o*) — A quem se refere?

FAUST. — Refiro-me ao procurador de seus negocios. Não posso deixar de crer que elle obedecesse a outros sentimentos senão os que lhe são pessoas. O senhor era incapaz de tão pouco louvavel procedimento. Tendo grangeado socialmente uma alta posição, rodeado do prestigio da opulencia, porque havia sentir alegria em trepudiar sobre a desgraça d'um honrado cidadão? Com que fim o faria?

FEIT. — Palavra de honra, não o entendo, Sr. Faustino!

FAUST. — E' o senhor que insiste para o pagamento da letra da casa de meu bom pai, ou é cavillação do procurador?

FEIT. — A razão é obvia. Deve-me e desejo ser reembolsado.

FAUST. — Mas o senhor, amigo de Albuquerque, não vê que fazer-lhe semelhante exigencia quando sua casa oscilla, e talvez apressar a fallencia, podendo sustai-a? Que augmentado o prazo, elle, negociante honesto como o tem sido até hoje, esforçar-se-hia para resarcil-o o mais breve possível?

FEIT. (*levantando-se*) — Não duvido, não me convem entretanto. Lérias! Lérias! Sr. Faustino. Estou enfastiado de ouvil-as diariamente. E demais negocios d'esta ordem tratão-se com o meu procurador. Para isso o tenho.

FAUST. (*que tem-se levantado tambem, voz turbada, tremulo de colera*) — E' então inexoravel? Os infortunios de um bom cidadão, de um honesto pai de familia, do homem a quem deu o santo nome de amigo, lhe são uma coisa indifferente, não podem commovel-o... alma de marmore?! Quiz duvidar de sentimentos tão repulsivos e tornou-se-me necessario ouvil-o para acreditar-o. Triste realidade! A virtude tem pois apóstatas que dilacerão, como abutres, ao coração humano, e o crime e os vicios erguem o Evangelho de suas nefandas doutrinas e torpezas, tendo applausos! Isto tudo não é mais uma abuzão, é uma verdade tremênda? Qual é a fibra sensivel d'essa consciencia sem remorsos? Diga-me, quero vibrar-a...

FEIT. (*rindo sarcasticamente*) — Palavra de honra, vociferou bem, mas não me convence!

FAUST. — E ri-se ainda o senhor! Graceja, quando soffro por minha familia e tenho a coragem inaudita de vir mendigar-lhe o preenchimento de seus deveres?! Ria-se, sim... mas isto póde ter um desfecho um tanto tragico...

FEIT. — Veja como falla, já está faltando-me a paciencia. A comedia, Sr. Faustino, aborrece afinal. Lembre-se que está em minha casa e guarde as distancias.

FAUST. — O' estas, eu respeitosa e guardo, como um dia as guardará o aresto de Deus, que é mui diverso daquelle do mundo que incensa o bezerro de ouro, ainda que collocado em lodaças! E guardo-as, porque não sou o agiota, de cujo cofre sahem as moedas e entrão oxidadas de lagrimas e sangue, não sou o traficante de carne humana, o sexuagenario libidinoso que ao vêr uma innocente criança, a quem aspira para mais uma saturnal, offerece ao pai: ou a ruina de sua casa ou a filha.

FEIT. (*que tem perdido a impassibilidade ironica, tocando a campainha*) — Ah! insolente! (*A Miguel que entra*) Manda-me vir toda a gente que estiver em casa.

FAUST — Quer intimidar-me, para assim amordaçar as palavras que como espinhos cahião-lhe sobre a consciencia. E' tarde! Eu tinha necessidade d'uma explosão... (*Miguel apparece com tres escravos*).

FEIT. (*aos famulos*) — Agarrem-me este patife e atirem-n'o pelas escadas abaixo.

FAUST. (*impondo com um gesto e tirando um par de pistolas*) — Talvez, Sr. commendador, não tenha o gosto de assistir á tragedia das 10 horas em casa de Albuquerque. Até lá pôde-se representar uma outra que é uma justa punição e a oportunidade para o saldo de dividas de gratidão.

FEIT. (*semi-aterrado, aos famulos*) — Não ouvirão? (*Miguel e os escravos vão receiosos lançar-se sobre Faustino, que fal-os recuar e sahir diante das armas engatilhadas*).

FAUST. — Um miseravel tem só d'estas fidelidades! Antes de retirar-me, Sr. commendador, tenho a repetir-lhe minhas ultimas resoluções. Criança atirada ás portas de Albuquerque, não tive em sua casa apenas o acolhimento da caridade; o amor d'um pai e d'uma irmã excederão-se e tornarão quasi impossivel no futuro, qualquer retribuição de minha parte. Desde tenros annos contrahi com minha consciencia obrigações terriveis, jurei para comigo mesmo não deixal-os soffrer, nem sequer um instante, enquanto minha intelligencia e meu braço podessem salval-os. Chegou o momento do sacrificio do coração, dos empenhos solemnes. E felizmente a causa é de pai e filha; com o mesmo esforço posso servir a ambos. A's 10 horas eu deixarei de ser o homem social, ou ha de apontar-se a reforma d'uma lettra. Para penhor de minha palavra ahi fica (*depõe sobre a mesa uma das pistolas*) essa autora do melhor tratado de logica que tem-se publicado até hoje. (*Cumprimenta-o e sahe*).

SCENA XIV

Fecitosa e Florinda que entra e corre até á porta do fundo para vêr se Faustino tem sahido

FEIT. — Com um demonio d'estes perco o jogo; retire-me.

FLOR. (*voltando*) — Ganha a partida, Sr. commendador.

FEIT. — Como?!

FLOR. (*tomando a pistola, observando-a e mostrando-a ao commendador*) — Vê?

FEIT. — Sim, umas iniciaes.

FLOR. — Cante hosannas ! Não são só iniciaes, mas um processo criminal, e os varões d'um carcere para Faustino.

FEIT. — O' mulher sublime ! (*Cahe-lhe aos pés, beijando-lhe as mãos*).

SCENA XV

Os mesmos e Juvenilia, acompanhada de uma senhora idosa

JUV. (*ao vér o commendador ajoelhado*) Que quadro lindo ! (*Solta uma gargalhada estrepitosa*).

ACTO III

SCENA I

Altoz — Estou preparando as malas. Ah! a minha mesa ha uma carteira que me convém muito. Ainda há pouco no que de ha tempo... Aproveitar este instante e tempo... Ventura, pouca d'ura; d'ura meu sempre chegado por... Aludendo ao barrete e voltando-se para o coo... Deu o haja... Aludendo ao queis, e ninguém por d'ura pela falta. Formo-se de alta e nome... Este lindo objecto com outros que já custodeto... O grão em grão a gallinha oncho o papa.

Feist. (no escritorio) — Hoje enlondrogo!

Altoz (observando o) — O' lá está o saogra-nonga que diz fazer de mala-monta! Por mim pouco, disse Miguel, o commenda-hador não ficou com a cabeça em estrepito. (Vem-se aproximando da mesa com o maior cuidado; aberto a gaveta e gesto a mão de- (to).

FAUST. — 30 contos! (Fecha a gaveta com furo).

Fior. — Cante hosannas! Não são só inicias, mas um pro-
cesso criminal, e os varões d'um carcere para Faustino.
Feit. — O' mulher sublime! (Cabe-lhe aos pés, beijando-lhe
os mãos.)

SCENA XV

Os mesmos e Lucilla, acompanhada de um senhora idosa

Luc. (ao ver o commendador ajoelhado) Que quadro lindo!
(Solta uma gargalhada estrepitosa.)

ACTO III

Sala simplesmente mobilhada dando para um escriptorio, de que se
acha separada por um lanço de gradinata. Porta de communica-
ção entre ambos. Portas lateraes

SCENA I

No escriptorio Faustino trabalha junto a uma mesa cheia de livros de com-
mercio. Na sala Monchique vem entrando cautelosamente

Monc. — Estou preparando as malas. Ali, n'aquella mesa
ha uma carteira que me conviria muito. Amanhã parto no pa-
quete da Europa... Aproveitar enquanto é tempo... Vento e
ventura, pouca dura; dizia meu sempre chorado pai. (*Tirando o
barrete e voltando-se para o céu*). Deus o haja... Albuquerque
quebra, e ninguem pois dará pela falta. Torna-se de alta econo-
mia este lindo objecto com outros que já enfardelei... De grão
em grão a gallinha enche o papo.

FAUST. (*no escriptorio*) — Hoje enlouqueço!

Monc. (*observando-o*) — O' lá está o songa-monga que quiz
fazer de mata-mouros! Por um pouco, disse Miguel, o commen-
dador não ficou com a cabeça em sarabulho. (*Tem-se aproxima-
do da mesa com o maior cuidado, aberto a gaveta e posto a mão den-
tro*).

FAUST. — 89 contos! (*Fecha raivoso um livro*).

MONC. (*que retira rapido a mão, trazendo uma carteira que occulta no bolso*) — Meu Deus!

FAUST. (*entrando sem vel-o*) — E' um debito assassino! (*Notando Monchique*) Que fazes aqui?

MONC. (*balbuciante*) — Eu?!... Eu?!... Eu... (*Tossindo*) Eu... eu vinha...

FAUST. — Espreitar-me? Já sabes? Ouviste tudo, não é?

MONC. (*readquirindo o sangue frio e encostando-se á gaveta para fechal-a*) — Eu vinha, Sr. Faustininho, dizer-lhe adeus, quando o senhor pregou-me um tal susto, inimigo jurado de meu rheumatismo, ... atirando com um livro!... Que susto!

FAUST. — Mas ouviste?!?

MONC. — Ouvil-o! O que?! Pela Santissima trindade!... Eu só sentia os baques de meu coração...

FAUST. — Retira-te, velhaco como Miguel e todos os criados d'esta casa...

MONC. — Miguel mesmo era um perverso... E que intrigante, Sr. Faustininho!... O' meu pai! (*Tirando o barrete e rolvendo os olhos aos céos*) Os anjos lhe fallem n'alma... Dizia elle que...

FAUST. (*interrompendo-o, em tom incisivo*) — Retira-te. (*Monchique sahe todo contrafeito*).

SCENA II

Faustino só

FAUST. — Pobre de meu pai! Dóe vê-lo soffrer! No entanto não ha um só meio de salv-o! Os amigos com seus infortunios têm-lhe fugido: ou perseguem-n'o ou propoem-lhe infamias... E eu, seu filho adoptivo, eu que lhe devo tudo, sem poder garantil-o do golpe funesto, e talvez proximo a ser preso!... Isto aniquila-me... infelizes os entes dilectos de meu coração! (*Vai sentar-se junto á mesa*).

SCENA III

O mesmo e Albuquerque pallido e triste

ALB. — Faustino.

FAUST. (*erguendo-se*) — Meu pai?

ALB. — Senta-te, temos muito que conversar. (*Senta-se junto d'elle*) Ha vinte e cinco annos, Faustino, uma bella noite ouvi teus vagidos na porta de minha casa. Recolhi-te, como o faria todo o coração educado nos principios evangelicos. D'onde viuas? O que serias? forão interrogações que o momento não suggerio-me, nem me competia fazel-as jámais. Importava receber o presente de Deus. Assim o fiz. Amei-te depois, como a um filho, a uma porção destacada de meu proprio ser. Foste digno de todos os desvelos dispensados contigo; mais merecerias, se me fôra possivel amar mais minha filha do que a ti mesmo.

FAUST. (*commovido*) — Agradecido, meu pai,

ALB. — Quando vieste, acompanhava-te uma carta com este pequeno cofre. A carta é esta. N'ella se me pedia que ao completares vinte e cinco annos, eu te entregasse o cofre. Meu filho, exigia-se tal compromisso de minha honra; eu o preenchi literalmente; hoje fazes vinte e cinco annos.

FAUST. — E' verdade! nem me lembrava! Mas eu não sei o que de triste, suas palavras, tão mysterioso acontecimento, meu pai, acabão de coar-me dentro d'alma! (*Indigitando o cofre*) Devo abril-o?

ALB. — Deves, ha de ser de teus pais, e portanto esclarecimentos sobre o teu passado e tua origem.

FAUST. — De meus pais!?! Não tenho outras affeições além da sua e de Juvenilia, meu pai; o mundo de meu coração não vai além d'estes muros, aqui reconcentra-se, congloba-se, vive e explende como a luz no fóco do espelho ustorio. A paternidade, para mim, e talvez para a razão humana, não consiste sómente na procreação. Este factó é commum a toda a natureza animal. A paternidade é missão tão grandiosa, que para preenchel-a, são necessarios annos e annos espendidos em amor, em ancias, cuidados incessantes, em sorrisos e lagrimas, em agonias e prazeres, e ainda ás vezes morre-se, deixando-a em seu começo...

ALB. — Oh! não insultes, quem sabe, o infórtunio de teus pais!

FAUST. — Foi aqui... sahindo das trevas d'um crime, vim abrir os olhos á luz da caridade, em seus braços, meu pai. Aqui minha infancia vagio durante mezes, teve um tecto abri-

gando-a em seu lastimavel desvalimento, o cibo que a alentava, mãos mimosas a dirigil-a nos debeis passos, labios divinos, os da mãe de Juvenilia, que ensinavão-lhe a traduzir os pensamentos perplexos pela palavra balbuciante... Foi aqui que, criança, vi os dias deslizarem entre os sorrisos de sincera amizade e pueris brincuedos; adolescente os vi illuminados pelo estudo que sollicitamente foi-me dado... No seu lar, meu pai, emfim grangeei com a idade da razão uma posição social e a imagem da virtude gravou-se tão profundamente em minha consciencia que a corrupção do mundo jámais conseguirá arrancaral-a... Sobre a procreação ninguem tem direitos, como o cão não os tem sobre os filhos que lança á superficie da terra; mas o senhór? Eu devolve tudo... (*Arrojando longe desi a carta e o cofre*)... Não, não os quero, devo queimal-os, meu pai... (*Silencio entre ambos, lagrimas lhes borbulhão dos olhos*).

ALB. (*estreitando-o com ternura*) — Meu filho!... E hon-tem fui injusto contra ti! Quiz roubar-te o coração de Juvenilia para dal-o ao miseravel que me propunha uma infamia! Perdôas, não é? Estava allucinado...

FAUST. — Perdoal-o? De que? (*Aperta-lhe a mão com effusão*).

ALB. (*indo apanhar a carta e o cofre*) — Não debes recuzar ouvil-os... Quem sabe as desgraças de teus progenitores? Vê, meu filho, eu te peço, talvez sirvão de muito...

FAUST. (*recebendo-os*) — Obedeço e retiro-me para meu quarto. (*Sahe pela esquerda. Albuquerque vai sahir pela direita e encontra Florinda que sal-o voltar*).

SCENA IV

Albuquerque e Florinda

FLOR. — Ha muito o procurava.

ALB. (*tom frio e severo*) — O que quer a senhora ainda? Se na hora em que estou para abrir fallencia, e tenho a passar por transe terrivel, tenciona inquietar-me, dásde já lhe previno, não a ouvirei com a docilidade do passado.

FLOR. — Quero só contar-lhe uma historia mui divertida, divertidissima!...

ALB. — A senhora já preparou-se para a partida? Deve fazel-o quanto antes; porque depois das 10 horas, tudo que vê aqui dentro, não nos pertence mais.

FLOR. — Ha muito estou prompta, e minha mãe não deve tardar. Era inutil o avizo. O negocio é outro. Eu vinha contar-lhe uma historia.

ALB. — O tempo urge e a occasião para ouvil-a não é muito azada.

FLOR. — Comtudo ha de ouvir-me. Não venho desenrolar um bonito romance ou um conto das *Mil e uma noites*. Quero que me oiça sobre materia importantissima...

ALB. — Falle, senhora: aviemos com isto.

FLOR. — E' relativamente a um crime...

ALB. — Um crime?!

FLOR. — Sim, e commettido por alguém de sua casa...

ALB. — De minha casa?!

FLOR. — O senhor acouta um assassino.

ALB. — Um assassino!? Falle, senhora, deixe-se de meias palavras.

FLOR. — Hoje, muito cedo, um homem entra em casa do commendador Feitosa, armado de duas pistollas. Seu designio era mata-lo, o que teria executado, se um criado e alguns escravos não o impedissem. Vendo gente que chegava, sahio tão rapida e desastradamente que deixou cahir uma das armas, onde se vém suas iniciaes.

ALB. (*meio distrahido*) — Mas...

FLOR. — E sabe quem é o autor de semelhante attentado?

ALB. (*machinalmente*) — Quem?

FLOR. — Faustino.

ALB. (*que tem ficado perplexo contorcendo-se n'um accesso de colera*) — Mentira, vil intrigante! (*Tomando-a pelo pulso como allucinado*) Mentira! Ah! Inda hoje, quando tantas attribulações vém opprimir-me, quer a senhora juntar os effeitos de seu genio vingativo e trahidor, indispondo-me, desterrando-me das ultimas afeições que me restão? Então serei sempre o joguete de caprichos ignobeis?

FLOR. — Senhor! Quando trata-se assim uma mulher?

ALB. — Quando torna-se ré, e não tendo virtudes, não pôde supportal-as nos outros; quando desce até o miseravel papel... Oh! não o direi! Emfim desde que mente e calumnia, querendo tirar proveito do genio vacillante de seu marido, para transformar-o em instrumento de odios e rancores... Ah! A senhora foi a propria que arrancou a venda que me cobria os olhos!... Ensinou-me a ser energico... Agora o marido não é mais o boneco de engonços movido a seu bel prazer, é o juiz que a responsabilisa ante o tribunal de sua consciencia e ante Deus. (*Solta-lhe o pulso*).

FLOR. (*cahindo sobre uma cadeira, desfeita em prantos*) —

Covarde!... Seja embora meu juiz... Não menti, não calumniei.

ALB. (*fazendo esforços por tranquilisar-se*) — Não prolonguemos esta scena... Poucos instantes ainda temos de convivencia, sob os mesmos tectos; portanto retiro-me antes que me seja impossivel conservar um resquicio de sangue frio... (*Sahe*).

SCENA V

Florinda so, que tendo estado com o rosto occulto entre as mãos, ao notar a scena vazia, ergue-se raivosa

FLOR. — Ah! Elle tambem!? Elle, o manso cordeiro feito leão! Toda a minha influencia perdida!... Não, não... isto não deve continuar... (*Olhando para o pulso*) E o pulso dolorido!... Hei de vingar-me n'elle, na filha, em Faustino, em todos...

SCENA VI

A mesma e Juvenilia

JUV. (*sóza da scena*) — Faustino... (*Na scena*) Faustino... (*Reparando em Florinda*) Ah!

FLOR. (*impetuosa*) — Que vem fazer no escriptorio?

JUV. (*ferida do modo em que Florinda lhe falla*) — Que venho fazer?! Que significa a pergunta feita em semelhante tom?

FLOR. — Que significa?! E' simples, temo, se a virem, não fação duvidosa opinião de minha enteada. Não é aqui o lugar para uma moça solteira.

JUV. (*sarcastica*) — Sim, diz bem: enteada; porque assim, a justo titulo, posso chamal-a de madраста. Quanto a meus actos a previno de que não necessito de directores espirituaes. Se entre nós ha alguém que deva soffrer interrogatorio, por certo, não sou eu. O que fazia hoje em casa do commendador Feitosa?

FLOR. — O que foi lá fazer?

JUV. — Vou dizer-lhe sem receio de corar. Tive pruridos de responder pessoalmente ao commendador sobre a estulta preten-

ção a meu respeito. Para isto fiz-me acompanhar de minha mestra de linguas... Sahi e ao entrar em casa de Feitosa, não encontrando quem me recebesse, galghei a escada, e fui dar... ó com que pathetico grupo! Jupiter aos pés de Danae! Merecia um pincel inspirado, não é minha querida madrastra?

FLOR. (*fazendo esforço por parecer calma*) — Madrastra! Tentei em vão chamal-a de filha, mas achei-a sempre muito contraria a meus sentimentos.

JUV. — Onde vio a victima offerecer o collo ao algoz? Assevero-lhe com sinceridade: admiro o martyrio; mas não tenho forças para elle.

FLOR. — E' engano seu, menina. Quem mostra tanta tenacidade em correr após qualquer idéa, embora falha de senso, não podia vestir a tunica de Blandina. Veja, faço-lhe justiça.

JUV. (*rindo-se*) — Falta de senso! Será porque recusei o commendador, — o dilecto?... Ah! Ia esquecendo... não deu-me ainda a razão, porque fui enconral-a em rendez-vos...

FLOR. (*á parte*) — Insolente! (*Alto*) — Fui palliar com palavras de etiqueta o seu procedimento grosseiro, leviano e irreflectido para com o commendador. Não pela senhora, fui por mim e pelo estonteado de meu marido. Eis o que explica minha presença em sua casa. Que não tem juizo, não sou quem virá dizel-o. Os factos incessantes agglomerão-se e dizem. Porque havia recuzar Feitosa, preferindo-lhe o *engeitado*? Que significa a predilecção pela sensitiva?

JUV. (*frizante*) — E' que eu sou uma sensitiva! Soffro mal me tocão. Quer a prova?

FLOR. — Vejamos, ha de ser interessante.

JUV. — Quem quebrou o vaso que estava na sala de verão?

FLOR. — O motivo é por isto?! Meu Deus! um accidente ordinario, que dá-se quasi todos os dias. Eu ia passando, tive um ataque de nervos, tahi sobre a mesa, o vaso vacillou, veio ao chão, partio-se e a planta de seu peito encolheu-se toda.

JUV. (*tirando uma rosa do cabello e brincando com ella*) — Tem razão, minha madrastra; sou maniaca, não tenho senso... (*Com ingenuidade*) Quer saber de uma outra idéa extravagante que tive? Não me censure, vou confessar mais uma loucura. (*Desfolhando lentamente a rosa petala por petala*) Estava triste pelo desastre com minha pobre sensitiva; chorei, quando a vi exangue por terra, em fragmentos... Depois tudo causava-me tedio... Fui á sala, vi alguns retratos, tive o mais vivo transporte de odio contra um, fiz Monchique desmontal-o, e depois... e depois... ó não digo...

FLOR. (*com impeto*) — O que fez?

JUV. (*arremessando para longe o resto da rosa, cruzando os*

braços no seio e medindo-a com altivez) — Mandei armar-lhe um doce! na cosinha.

FLOR. — Atrevida! (*Faz menção de lançar-se sobre Juvenilia e retrocede em terríveis contorções de raiva*).

JUV. — Quem com ferro fere...

FLOR. — Esta vez ao menos meu marido ha de dar-me razão. (*Sahe*).

SCENA VII

Juvenilia so

JUV. (*seguindo-a com um sorriso de desprezo*) — Estou vingada!.. Pensavas que eu deixar-me-ia supplantar? Se sabes ser madrasta, eu não desconheço o papel de enteada que reage sem piedade.

SCENA VIII

A mesma e Faustino que entra, sem vê-la, absorto em um retrato. Sentase e bebeido na contemplação

FAUST. — Tão bella!... Tão meiga!... Tanta mocidade ceifada pelo infortunio!

JUV. (*que pé ante pé tem ido recostar-se no espalho da cadeira*) — Que linda moça!

FAUST. (*voltando-se*) — Juvenilia!

JUV. — Quantas imagens tem o coração de meu amigo de infancia! (*observando-o*) Mas... estás triste! Que tens?

FAUST. (*mostrando-lhe o retrato*) — Sentes zelos?

JUV. (*grave*) No momento, que se os sentisse, odiava-te de morte.

FAUST. — Nem terias razão de sentil-os. Esta linda moça foi minha mãe (*commovido*)... minha desventurada mãe!

JUV. (*commovida*) — Tua mãe?!

FAUST. — E' um triste romance minha existencia. Hoje meu pai confiou-me uns papeis que vierão entre as faixas do engeitado. Entre elles estava este retrato. Havia uma honesta familia, na Tijuca, ha vinte e seis annos, que apezar da mediania de sua

condição social, acalentava ao seio todas as virtudes gratas a Deus. Vivião felizes, n'aquelle recanto da terra, fazendo consistir sua ventura no amor e educação d'um casal de filhos que promettião ser os continuadores das tradições de honra na familia. Uma tarde, um carro quebra-se á porta da modesta habitação. Um moço, que n'elle vinha, ficou gravemente ferido. André de Vergueiros, (é o nome de meu avô) correu ao sinistro e trouxe o ferido para sua casa. Chamava-se Augusto e o proprio bolieiro, que o conduzia, não soube dar informações a seu respeito. Elle dentro d'um mez convalesceu, ergueu-se graças aos esforços e cuidados d'aquella boa gente; mas seu coração não podia apartar-se d'ahi, amava a filha de Vergueiros, ambos amavão-se. (*Pausa*) Dóe-me referir a ti, anjo de pureza, as consequencias de semelhante paixão.

JUV. — Agora quero saber tudo.

FAUST. — Augusto não era só o prototypo da ingratição, foi tambem um infame. Fugio com a filha de Vergueiros, abandonou-a após um mez, e ella depois deu-me á luz no leito d'um hospital, morrendo de vergonha e miseria... O' minha pobre mãe, porque não morri comtigo! Não teria ante os olhos os horrores do passado!

JUV. — Tu succumbes, Faustino?!

FAUST. — Tens razão... Hoje tenho deveres sellados por um triste epitaphio, devô lutar sem desanimo. Meus avós não sobreviverão á nodoa que os envilecia. Meu tio teve sede de vingança e em vão procurou Augusto. (*Tirando uma carta do bolso*) Eis aqui a carta que acompanha a narração de todos os acontecimentos minuciosamente expostos. (*Abre-a e lê*) « Hoje fazes vinte e cinco annos, teu bemfeitor, se fôr fiel á exigencia que faço, ha de entregar-te algumas paginas com todas as peripecias do negro drama de tua familia. Odeio-te, porque és o fructo d'uma arvore venenosa, e has de participar da sua origem fatal; mas banindo-me para sempre do Rio, depois de procurar inutilmente o seductor, lego-te uma herança de sangue. Tens vinte e cinco annos, idade da força e da razão. Se tens um coração como o de tua mãe, debes vingal-a; onde encontrares Augusto, mata-o; não é teu pai, é o assassino de uma familia inteira. (*Fecha tremulo a carta e guarda-a*).

JUV. — E' horrivel tudo isto! E mais horrivel o que exigem de ti! (*O relógio do escriptorio dá 10 horas*).

FAUST. (*Sobresaltado*) — O' dia aziago...: ainda não completaste teu gyro de desolação! 10 horas! Juvenilia, retira-te, aqui vão passar-se scenas a que não debes assistir (*Tomando-lhe a mão*) Tu és forte minha irmã? (*Contempla-a com olhar firme e ardente*).

JUV. — Tua esposa, Faustino; manda e obedecerei.

FAUST. — Depressa, não deixes teu pai um só momento... Não sei se elle com seus escrupulos fará face ao transe... Corre.

JUV. (*indo prestes até a porta á direita e voltando-se*) — Coragem, que eu serei digna de ti. (*Sahe*).

SCENA IX

Faustino só, deixando-se cabir sobre uma cadeira

FAUST. — Que esforço inaudito! Ella é mais animosa do que eu! (*Fica por momentos abatido, depois erguendo a fronte seus olhos vão cahir sobre o retrato que ficou na mesa*) — Minha pobre mãe! Porque não me estrangulaste com o cinteiro, no momento de nascer? (*Embebe-se em muda contemplação*).

SCENA X

O mesmo e o commendador na porta do fundo do escriptorio, acompanhado d'um permanente

FEIT. (*ao permanente*) — Espere fóra. Tenha a sua gente prompta ao primeiro signal. (*O permanente sahe*) Por ajuste de contas tomarei meu feliz rival no poleiro... A casa está cercada. (*Entrando na sala e vendo Faustino*) Eil-o pensativo! O que será que tanto o distrahe? (*Acerca-se de vagar, o observa por detraz da cadeira e retrocede soltando um grito de admiração e terror*). Es... este retrato?

FAUST. (*erguendo-se*) — Que deseja, senhor?

FEIT. — De quem é este retrato?

FAUST. — De minha mãe... Conhece acaso?

FEIT. (*dominado por extranhos sentimentos vai retrocedendo, com o olhar esbugalhado e movimentos bruscos até a mesa da direita*). — Rosa!... Meu filho!... Esta cabeça estala!... Faustino! Tu... és meu filho!...

FAUST. (*que se lhe tem approximado, recuando a seu turno*) — O senhor?... Meu pai?! Nunca... Nunca!

SCENA XI

O mesmo e Albuquerque acompanhado de Juvenilia que detem-se no fundo

ALB. — Que gritos são estes?

FEIT. (*indo a Faustino com os braços abertos, tom supplice*)

— Meu filho!... Meu filho!...

FAUST. — Nunca! (*Vendo Albuquerque*) Meu pai...eil-o... eil-o! (*Cahe nos braços de Albuquerque*).

FEIT. — Meu Deus! Filho! (*Lança-se de joelhos*)... Filho, perdôa...

ALB. — Hoje suffoco!... (*A Faustino, com energia*) Ergue-o. E' teu pai!...

FAUST. — Era Augusto.

FEIT. (*já de pé*) — Era um nome supposto, meu filho.

ALB. — Faustino, é teu pai, vai abraçal-o.

FAUST. (*fitando-o como desvairado*) — Eu?!

JUV. — Não... E ninguem pôde obrigar-te a commetter uma infamia... Papai, entre Faustino e este homem ha um tumulo de santa... Pergunte-lhe quem lavará a macula do passado...

FAUST. — Sim, o passado?!

FEIT. — Tens razão... Erros da mocidade, delictos de quem vivia izolado, sem familia, sem uma afeição sequer, odiando o mundo, porque o mundo o odiava... Esse passado, hei de remil-o com os ultimos annos que me restão... dá-me porém o nome de pai...

JUV. — Não. Parta, e depois de dois annos de expiação, quando Déus e a sociedade aceitarem seu arrependimento sincero e os que hoje o amaldiçoão tiverem sómente bençãos para saudal-o, então iremos beijar-lhe a mão que não pôde manchar-nos mais...

SCENA XII

Os mesmos e Florinda e Monchique que não sahir, e assistem parte da scena precedente

FEIT. (*a Faustino*) — Que dizes, filho!

FAUST. — Parta. (*Indo estreitar a mão de Juvenilia*) Agradecido.

FEIT. (*amergendo a frente*) — Deus, não és mais uma mentira! (*Deixa-se cahir acabrunhado n'uma cadeira*).

MONC. (*a Albuquerque*) — O' meu amo, não é possível partir diante d'este quadro!

ALB. — Saia e prospera viagem. (*A Florinda, indigitando o grupo formado por Juvenilia e Faustino*) Vê, póde procurar sua mãe, senhora; eis os corações a que me abrigarei contra as tristezas da velhice.

TRIÊMA.

1868.

1873

Porto Alegre — 1873

RECORDAÇÃO

No dia em que eu ouvi teu canto meigo e bello
Repasado de creanças sorrindo a um doce anhelô,
Senti meu peito exausto na vida resfolgar ;
Assim teu corpo fragil, inanido e dormente...
Tu'alma de poeta febril, immensa, ardente,
Não foi loucura vêr... insania foi te amar.

Depois, vi-te na chacara, o dia era formoso ;
Teu rosto estava pallido, teu seio vaporoso
Prendeu-me junto a si rendido de paixão ;
Era tudo harmonia... no ar, na immensidade,
Minh'alma se afanava sorrindo á felicidade,
No peito articulava atroz o coração !

Assim juntos passamos as horas apressadas
Por entre mil perfumes, — as rosas desfolhadas
Brincavão no teu collo contentes e a chorar :
Choravão ! pobres victimas de um amor nascente...
Testemunhas gentis sorrião docemente
E vinhão nossos élos de aromas orvalhar !

A' tarde, já de volta, temendo a breve ausencia,
O labio a titilar em doce effervescencia
Ouzou-te declarar o mais sincero amor ;
Era bem cedo ainda... teu seio entumecido
Sob a cassa de azul moveu-se comprimido,
E a lua no teu rosto mostrou novo pallor.

O' não maldigas nunca a data memoravel
Em que sonhei-te esposa, que em teu olhar amavel
Meu ideal querido, meu novo mundo achei ;
O' não maldigas nunca — Se tu'alma já descrida
Pergunta-me porque lhe roubo a luz e a vida,
Só lhe posso dizer : Oh ! minha irmã, — não sei ! —

F. DE SÁ BRITO.

UM LIRIO

(A IMAGEM DO EXILADO)

N'um canto do jardim e não cuidado	Imagem da innocencia, a flôr mimosa
Fu tinha um pé de lirio já fanado ;	A' Dens envia a prece perfumosa.
Contava de o não vêr dar entre olores	Era o lirio fanado, mas dormia
As suas alvas e mimosas flôres :	No seio seu a suavidade pura ;
Mas de repente, ao matutino orvalho,	Póde inda emblema ser da creatura
Num dia de Setembro quente e bello	Que no retiro vai passando os dias
Surgem-lhe dois stipes que ao ar sobem	Sem glorias mas sem penas ignorada
E brancas sep'las de perfume o cobrem.	E que dos posteros a justiça aguarda.

UMA FLOR

DR. CALDRE E FIÃO.

Quinta do Amparo no valle de Itapuy, em Março de 1861.

UNS OLHOS QUE VI

Em Corrientes vi uns olhos,
Languidos, cheios de amor,
Que imaginal-os mais lindos
Não o podia um pintor.

Tinhão um brilho tão forte
Tão attrativo o olhar
Que mais bellos, mais ativos
Ninguém póde imaginar.

Cheguei bem perto, fui vêl-os,
— Cumprir um desejo meu —
E só vi duas estrellas
Gravadas em puro ceu.

E fiquei apaixonado
Da formosa Casta-diva,
Da qual os olhos não posso
Retratar em imagem viva.

Fugi, pois, que era remedio
De escapar á tentação ;
Os olhos erão estrellas,
Noite escura o coração.

Fugi, sim ; mas para onde ?
Para um lugar tão fatal,
Onde os mesmos olhos vi
Servindo a outra vestal.

Fiquei pasmo ! observando,
Que os olhos erão iguaes,
E que as çôres divergião,
Tão sómente — nada mais.

E' que o sol das correntinas,
Que do claro faz escuro,
Abrasou aquelles olhos
Com um raio santo e puro.

Mas o sol do meu Brazil
Que espalha raios sem fim,
Mudou a côr purpurina
Em azulado setim.

(A MADRE DO EXILADO)

HEITOR REMIGIO.

Rio de Janeiro — 1867.

UMA FLOR

Que linda, que flôr mimosa,
E' branco botão de rosa,
Que perfuma a inebriar!
Passou talvez em teu seio,
Sentio em febril aneio
Teu coração palpitar!

E se um dia a alma tristonha,
Perder a illusão risonha,
Do coração nos martyrios;
Flôr mimosa, aos teus perfumes
Acalmarei meus queixumes
Suavisarei meus delirios.

Tinha a pureza das flôres,
Ficou mais pura aos olôres,
De teu collo virginal!
Hei de adoral-a em segredo!
Será o meu sonho ledo,
O meu amor ideal!...

E se a esperança mentir-me
E se o futuro trahir-me
Na creença santa do amor;
Unidos no mesmo leito,
Dormirás sobre meu peito,
Morrerei contigo ó flôr!!...

AFFONSO MARQUES.

3 de Outubro de 1870.

Gravada em puro cou.
E ad vi duas estellas
— Quando um desejo men
Cherrettes perto, tu veres
Ningua pôde imaginar.
Que mais bello, mais vivo
L'ho s'attivo o olhar
Tinha um brilho tão forte

CHRONICA

Deveríamos começar pedindo desculpa aos leitores da revista pela falta que commettemos, offerecendo-lhes o ultimo numero da *Revista*, sem chronica; mas lembrando-nos que pouco lhes aproveitaria a leitura d'ella, não nos aventuramos a fazel-o; foi talvez uma pagina de menos de insossa prosa.

Que querem? Aquelles que bem manejão a penna e que poderião agradar-vos, leitores, arrefecem, e obrigão-nos a traçar linhas muitas vezes sem sentido, e a que damos o nome de — Chronica, como se uma — Chronica fosse cousa de pouca importancia.

Emfim escrevamos.

— No dia 19 do mez passado completou o *Parthenon* o seu quinto anniversario, e, como era natural e de estatutos, fez sessão magna.

Realmente a senhora indifferença não tem podido amortecer o animo da mocidade que hastêa o lábaro das letras. Cada anno que passa é um triumpho de mais para o *Parthenon*, que caminha sempre buscando a luz que o deve guiar ás portas do grande templo.

Verdade é que estes cinco annos tem sido de luta; mas porque não lutar quando se tem força, quando se tem crenças e robustece-nos a fé? Seria mister para que o desanimo apparecesse

que a luz que fulgura apontando-nos o futuro se obumbrasse, deixando-nos tactear nas trevas. Cremos que isso não acontecerá.

Porém, vamos adiante.

Esteve animadissima a sessão anniversaria ; abriu-a o Sr. presidente honoꝛario, que, em um eloquente discurso recordou a data gloriosa da installação do *Parthenon*.

Em seguida teve a palavra o Sr. Carlos de Lavre Pinto, orador da sociedade, que em seu discurso fez o historico da associação. Alguns socios lerão producções suas em prosa e verso, e terminou a festa com um baile que durou até as duas horas da madrugada.

Eis resumidamente o que houve.

— D'esta vez não temos o que dizer sobre novas publicações ; nada tem apparecido, e é mesmo natural que haja tregoa.

O espirito tambem precisa de repouso, e busca-o nas distrações que, apezar dos prazos, como se diz, sempre ha n'esta terra, aonde querem escangalhar até o theatro. Que sina estava reservada para este povo !

E' que entendem que o theatro é uma instituição sem moral, e que póde-se melhor educar o povo sujeitando-o aos caprichos de qualquer *pé de lâ* que entendo tanto d'estas cousas como nós (que não somos padre) entendemos de dizer missa.

Ora, estamos a fallar no que não devemos... Vendão o theatro, arrazem-n'o, transportem-n'o mesmo para a India, nada tem o povo com isso, e muito menos nós ; portanto passemos a outro assumpto.

— Tem havido bailes e concertos. Nada podemos dizer a este respeito, porque pouco frequentamos essas festas, por isso vamos terminar pedindo que não levem a mal nada termos dito ; não só ha falta de materia, como tambem de disposição ; guardamos para o seguinte numero, e então nos entenderemos.

Porto Alegre — 1873.

ARAUJO E SILVA.